

## LEIA MULHERES: LEITURA LITERÁRIA E RESSIGNIFICAÇÃO DA SUBJETIVIDADE FEMININA

Jeniffer Geraldine Pinho Santos<sup>1</sup>

A partir do século XVII, a questão da educação feminina entra em pauta como parte do plano de progresso da burguesia. A mulher só teve direito ao acesso à leitura e educação porque foi considerada a “primeira mestra”<sup>2</sup> dos filhos da burguesia. E ainda assim o acesso ao conhecimento era limitado.

A burguesia machista tinha receio de que o acesso ao conhecimento, aos livros, tirassem a mulher da sua verdadeira função, cuidar do lar e da família. Elas liam romances açucarados e folhetins escritos por homens. A literatura e a leitura foram dispositivos, definindo nos moldes de Giorgio Agamben (2009), que buscavam moldar, controlar, os modos de viver e pensar dos seres viventes, nesse caso as mulheres. E a função estratégica era produzir subjetivações femininas de acordo com os interesses da sociedade burguesa.

A subjetividade como algo produzido é o que nos propõe levar em consideração o filósofo francês Félix Guattari. Ao invés de pensar as subjetividades como parte da natureza humana, vamos enxergá-las como algo produzido/fabricado pelos “sistemas de conexão direta entre as grandes máquinas produtivas, as grandes máquinas de controle social, e as instâncias psíquicas que definem a maneira de perceber o mundo.” (GUATTARI; ROLNIK, 1986, p. 27)

386

O controle do que era lido pelas mulheres burguesas gerou também uma desqualificação da leitura feminina, já que a mulher não lia o que era considerado grande literatura. A sociedade patriarcal machista queria a mulher culta e educada, mas não subversiva e superior aos homens. Até o ofício do magistério foi também um instrumento de controle. Exercer o magistério era visto como uma extensão das funções domésticas e não emancipou a mulher da sociedade machista patriarcal.

A sociedade, todavia, tratou de controlá-las usando de alguns mecanismos: converteu o magistério numa extensão da tarefa doméstica e maternal e desqualificou o trabalho delas aos olhos masculinos; desvalorizou suas leituras, embora não deixasse de fornecê-las em quantidades substanciais e crescentes; condicionou a recepção de obras às necessidades de doutrinação desse público, que reabsorveu valores familistas e patriarcais, traduzidos agora na linguagem da idealização da mulher e sua tarefa doméstico-pedagógica (LAJOLO; ZILBERMAN, 2011).

A escritora Virginia Woolf, na década de 1920, no ensaio *Um teto todo seu*, investigou a relação entre mulheres e ficção. Em um momento da análise, Woolf questiona: “Vocês têm noção de quantos livros sobre mulheres são escritos no decorrer de um ano? Vocês tem noção de quantos são escritos por homens? Tem ciência de que vocês são talvez o animal mais debatido do universo?”

A mulher sempre foi tema da literatura, mas nunca foi considerada escritora. “O mundo não dizia a ela, como dizia a eles: ‘Escreva se quiser, não faz diferença para mim’. O mundo dizia, gargalhando: ‘Escrever? O que há de bom na sua escrita?’” (WOOLF, 2014, p. 78)

<sup>1</sup> Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

<sup>2</sup> Marisa Lajolo e Regina Zilberman, no A formação da leitura no Brasil, trazem a definição de “primeira mestra” ao comentar sobre o Verdadeiro método de estudar, de Luiz Antônio Verney, obra publicada na Itália em 1746.



Assim vemos que o mundo das letras era inacessível à mulher, seja pela leitura ou pela escrita. Se não era leitora qualificada, jamais poderia ser uma escritora. Durante muitos anos, a leitura feminina era tutelada, como dizem as autoras Lajolo e Zilberman (2011), a mulher lia o que os homens do seu núcleo familiar permitiam. Enquanto para o homem a leitura estava relacionada ao exercício da profissão, a mulher podia até ler mas não tinha direito a julgar as leituras que faziam.

A educação feminina e a leitura eram dispositivos que atendiam aos interesses patriarcais e não aos interesses da mulher. O objetivo era produzir subjetivações femininas relacionadas aos valores familistas e patriarcais. A mulher era confinada à existência doméstica e como refletiu Virginia Woolf em “A posição intelectual das mulheres”, artigo resposta ao ensaio “Nossas mulheres: capítulos sobre a discórdia entre os sexos”, do romancista Arnold Bennett, em 1920:

Mas o que é necessário não é apenas a educação. É que as mulheres tenham liberdade de experiência, possam divergir dos homens sem receio e expressar claramente suas diferenças [...]; que todas as atividades mentais sejam incentivadas para que sempre exista um núcleo de mulheres que pensem, inventem, imaginem e criem com a mesma liberdade dos homens, e como eles, não precisem recear o ridículo e a condescendência (WOOLF, 1920, 50 - 51).

Um desafio dos movimentos feministas é lutar para que mais mulheres tenham acesso e representatividade em espaços sociais, culturais, acadêmicos, e participem das decisões político-econômicas, que tenham o que Virginia Woolf chamou de liberdade de experiência. Ao possuir essa liberdade, a mulher participa da sociedade e tem acesso às máquinas produtivas e às máquinas de controle social que são governadas por homens. E com isso começa também a lutar por novos modos de ser mulher, por novas subjetivações femininas, que vão além da ideologia burguesa capitalista.

387

Regina Dalcastagnè (2012) realizou uma pesquisa de mapeamento do romance brasileiro contemporâneo, na Universidade de Brasília, em um período de 15 anos (de 1990 a 2004) e constatou que “120 em 165 autores eram homens, ou seja, 72,7%. Mais gritante ainda é a homogeneidade racial: 93,9% dos autores são brancos. Mais de 60% deles vivem no Rio de Janeiro e em São Paulo”. Ao observarmos quem está nas prateleiras das livrarias, nos grandes veículos de comunicação, nas bibliotecas, quem é discutido nas escolas e faculdades, vamos encontrar um padrão.

O campo literário no Brasil é masculino e branco. A literatura segue o padrão masculinista, patriarcal, branco, classicista, heterossexual, da sociedade brasileira. Onde estão as mulheres escritoras?

Em 2014, a escritora britânica Joanna Walsh criou a campanha *#readwoman2014* ao promover a *hashtag* no *Twitter*. A proposta era ler durante o ano de 2014 livros de autoria feminina e assim colocar em discussão essas produções e valorizar a literatura feita por mulheres. O movimento começou de modo pessoal mas rapidamente ganhou vários adeptos ao redor do mundo.

Três mulheres brasileiras, Juliana Gomes, Juliana Leuenroth e Michelle Henriques, se juntaram e organizaram o projeto *Leia Mulheres no Brasil*, em 2015, com a ideia de ter encontros presenciais em livrarias e espaços culturais ao redor do país. Atualmente o *Leia Mulheres* está presente em mais de cem cidades brasileiras e conta com a colaboração de mediadoras em cada local.

O *Leia Mulheres* na Bahia está presente em cinco cidades, Salvador, Feira de Santana, Valença, Vitória da Conquista e Lauro de Freitas. O clube de leitura em Salvador começou em janeiro de 2016 e já discutiu livros como *Quarto de Despejo*, da escritora brasileira Carolina Maria de Jesus, e *Amada*, da estadunidense Toni Morrison.

Apesar de o clube de leitura ser aberto a todos, a presença é majoritariamente de mulheres e, como explica, a Leitora B<sup>3</sup> do Leia Mulheres - Salvador:

São livros escritos por mulheres, mas além disso o clube tem um viés feminista, este recorte faz toda diferença. Existem questões que são sempre permanentes no clube: mercado de trabalho, violência, relacionamentos, questões sobre o corpo. Além das discussões teóricas, muitas participantes do clube trazem relatos pessoais que exemplificam as questões do ser mulher (informação verbal)<sup>4</sup>.

Para a Leitora A, o encontro do clube permite uma conversa entre amigos sobre a leitura realizada, longe do “academicismo”:

No clube de leitura todas pessoas vão ler o livro e vão discutir o livro. Então requer uma discussão, assim digamos, mais profunda. E eu sentia falta disso. Isso sem aquela coisa chata do academicismo. Porque a gente faz isso de certa forma na faculdade, mas tem aquela coisa do ler, da teoria. Então queria discutir, como se fosse uma conversa de amigos, para conversar, para debater sobre o livro que a gente leu. Então a possibilidade de ter um clube de leitura, de existir um clube de leitura, era fantástica (informação verbal)<sup>5</sup>.

A proposta de um clube de leitura reforça o caráter de fruição da literatura ao mesmo tempo que permite uma prática dialógica. Existe um diálogo entre a autora e a leitora, e entre leitora e leitora. A prática dialógica traz o conhecimento de novas possibilidades de sentido, novos significados e representações sobre o texto lido e sobre o mundo. É nesse contexto que pode surgir a ressignificação das subjetividades femininas e a linguagem passa a ser uma ferramenta de poder e emancipação do sujeito.

388

[...] A linguagem literária assume aspectos de representação e demonstração. Através dessa linguagem, pode-se refletir sobre a própria língua como lugar de liberdade. A linguagem literária permite que as palavras assumam vida própria, com novas significações que não aquelas a elas conferidas usualmente. A linguagem passa a ter “sabor”. Um sabor que advém da composição alquímica do olhar do escritor e da percepção ativa do leitor frente às palavras de uma linguagem literária que assume novos significados e representações (CRUZ, 2012, p. 17).

*Quarto de despejo - Diário de uma favelada*, da escritora brasileira Carolina Maria de Jesus, traz relatos de uma mulher negra durante a década de 1950 no Brasil. O livro foi publicado pela primeira vez em 1992 e pode ser considerado, como define MOREIRA (2011), “uma outra cultura-vida, que rechace o modelo patriarcal, que amplie os direitos de todos os sujeitos, incluindo os sujeitos femininos em seus diversos lugares”.

Carolina ao escrever e publicar seus diários fez uma ruptura no cânone patriarcal, que dita o que é literatura, e na narrativa hegemônica machista que dita as posições que as mulheres devem ocupar no mundo. *Quarto de despejo* foi uma das leituras do Leia Mulheres - Salvador que contribuiu para ressignificação da subjetividade feminina, como podemos perceber no depoimento da Leitora A, que não conseguia se enxergar como escritora e poeta:

3 Entrevistei para este artigo duas participantes do Leia Mulheres - Salvador. Ao longo do texto as chamarei de Leitora A e Leitora B para resguardar as suas identidades. As entrevistas completas estão disponíveis nos apêndices.

4 Entrevista concedida por Leitora B. Entrevista II. [jul. 2010]. Entrevistador: Jeniffer Geraldine Pinho Santos. Salvador, 2019. Mensagem recebida por <jeniffergpps@gmail.com>. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B deste artigo.

5 Entrevista concedida por Leitora A. Entrevista I. [abr. 2010]. Entrevistador: Jeniffer Geraldine Pinho Santos. Salvador, 2019. 1 arquivo .mp3 (23min36s.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A deste artigo.



E Carolina Maria de Jesus, uma mulher negra favelada, que consegue escrever o seu livro, que consegue ser uma escritora. Gente isso para mim é comovente, fantástico, libertador. O encontro com Carolina para mim, desses três, foi o mais significativo. Eu li Carolina para os meus alunos do 5º ano do Ensino Fundamental, que nesse ano, que foi em 2017, eu estava com essa turma, e os meus alunos choraram com trechos do livro. Quarto de despejo foi um livro que é para sempre sabe, um livro que eu gosto de ler para os meus alunos, quando eu pego uma turma de maiores. E um livro que eu acho que faz diferença na vida de qualquer pessoa, mas na minha como mulher, como negra, e como periférica, mais ainda (informação verbal).

Na entrevista concedida, a Leitora A comenta também que a pluralidade de temas contribui para mostrar que “as mulheres são pessoas, seres humanos cheios de possibilidades como os homens e vão meio que descortinando alguns véus, como por exemplo o véu da maternidade”. Aqui cabe retomar a proposta de Virginia Woolf quando diz que a mulher precisa ter liberdade de experiência. Liberdade para ir além dos lugares comuns e naturalizados para o ser mulher, que demarcam até o que pode ser uma maternidade ideal.

A leitura do romance *Precisamos falar sobre o Kevin*, da escritora norte-americana Lionel Shriver, foi o que suscitou questionamentos sobre a maternidade no Leia Mulheres - Salvador. De acordo com a Leitora A, o encontro para discussão do livro foi um dos mais ricos de contribuições e experiências.

Eu fui muito criticada e às vezes ainda sou. Eu tenho uma filha. Minha filha não mora comigo, mora com pai. E eu tenho uma outra visão do que é ser mãe. Eu não penso que ser mãe é todo esse aparato que as pessoas fazem na sociedade. Então eu sou muito criticada, já sofri muito por causa disso. Apesar da minha relação com minha filha ser fantástica. Mas até hoje quando eu digo assim: minha filha não mora comigo. As pessoas perguntam por que? [...] Opa, então você tem algum problema. Filhos moram com as mães e não com os pais, quando se separam. Então foi uma discussão sobre maternidade fantástica, então assim mudou minha forma, me deu um outro olhar sobre a questão da maternidade (informação verbal).

389

Outra leitura marcante para a Leitora A foi *Amada* da escritora estadunidense Toni Morrison. O romance publicado pela primeira vez em 1987, ganhou o prêmio *Pulitzer* em 1988 e, em 2006, foi eleito o livro de ficção mais importante dos últimos 25 anos nos Estados Unidos, pelo *New York Times*. A história baseada em fatos reais retoma a condição do negro no fim do século XIX nos Estados Unidos e mostra a triste realidade das mães escravizadas.

O romance *Amada* e a experiência de leitura da participante é um exemplo de como o texto literário “permite ao leitor reviver a sua história, vivenciando-a e, ao mesmo, tempo refletindo-a sob o ponto de vista político em que ela está situada” (CRUZ, 2012). O momento de reviver a própria história permite repensar o seu lugar social e todas as opressões que o marcam, como desabafou a Leitora A:

Amada é um livro que fala de maternidade e fala de escravidão [...] todo mundo já sabe que é baseado em fato real, de mães que preferiam matar seus filhos, ao invés de vê-los escravos, sofrendo. Então é muito forte isso. É uma carga de dor que mexe com nossa ancestralidade porque eu sou negra, e nascida e criada em bairro periférico. A minha família é formada por mulheres e homens negros. Então assim pensar sobre escravidão nessa perspectiva é uma coisa que sabe dá um choque de realidade, por mais que você esteja com os pés fincados nela (informação verbal).

bell hooks (2018) diz que um marco importante do feminismo contemporâneo é produzir literatura feminista para recuperar a história das mulheres. Essa produção de resgate também reflete na questão da liberdade de experiência. Ao ler outras mulheres e suas experiências através de textos literários existe a possibilidade de ressignificação das subjetividades femininas.

Após pesquisa realizada com jovens leitores, a antropóloga francesa Michèle Petit, numa conferência<sup>6</sup> em Buenos Aires, em 2000, discorreu sobre a contribuição da leitura de obras literárias na construção de si mesmo e na elaboração da subjetividade. A autora comentou sobre como a leitura pode ajudar os sujeitos a descobrir-se autores das suas próprias vidas e de que maneira o ato de ler pode ser transgressor e ajudar a quebrar as barreiras do destino pessoal e social.

E encontram às vezes o apoio de um saber, ou, em um testemunho, em um relato, um romance, um poema, o apoio de uma frase escrita, de uma estruturação. Ao poder dar um nome aos estados que atravessam, podem encontrar pontos de referência, apaziguá-los, compartilhá-los. E compreendem que esses desejos ou temores que acreditam serem os únicos a conhecer foram experimentados por outros, que lhe deram voz (PETIT, 2013, p. 44).

A autobiografia da escritora norte-americana Roxane Gay foi uma das leituras do ano de 2018 do Leia Mulheres - Salvador. Em *Fome*, Gay fala de como comer compulsivamente foi seu esconderijo após sofrer um abuso sexual aos 12 anos de idade. O ato compulsivo gerou uma superobesidade mórbida. Para a Leitora B, o livro foi muito marcante para sua vida a ponto ajudá-la no processo de compreensão e aceitação do próprio corpo:

Esse livro me ajudou no processo de entendimento de questões sobre o corpo, principalmente sobre como o corpo gordo é visto. É um livro também sobre as fragilidades do corpo. Roxane não fala de um lugar de vitoriosa, ela não apresenta receitas de sucesso, ela o tempo inteiro mostra suas fragilidades, dificuldades e questões. Fiquei muito comovida e me identifiquei com muitas questões que ela passou. Engordei 20 quilos em dois anos e de repente não sabia que corpo era aquele. O relato da Roxane, embora doloroso em muitos momentos, me ajudou a compreender melhor o meu corpo, sem tantos julgamentos ruins, diferente de um processo de aceitação, a leitura ajudou no processo de compreensão do corpo gordo. Foi uma leitura muito importante (informação verbal).

A leitura literária, como aponta ABREU (2019), “traz para o universo do leitor possibilidades novas de sentido, colocando em questão suas verdades, desestabilizando-o e levando-o a reestruturar-se”. A partir disso, o projeto Leia Mulheres pode ser considerado um exemplo do desmonte da leitura como dispositivo do poder capitalista patriarcal. E também um processo de reapropriação, ressignificação, das subjetividades, do modo de relação com o mundo. O início da possibilidade de inventar novos modos de viver e ser no mundo como mulher.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Maria Lílian Martins de. *A leitura literária*. Fascículo do Curso Formação de mediadores de leitura da Fundação Demócrito Rocha, 2019.

AGAMBEN, Giorgio. *O que é contemporâneo? e outros ensaios*. Chapecó: Argos, 2009.

CRUZ, Maria de Fátima Berenice da. *Leitura literária na escola: desafios e perspectivas em um leitor*. Salvador: EDUNEB, 2012.

DALCASTAGNÈ, Regina. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Vinhedo, Editora Horizonte/ Rio de Janeiro, Editora da Uerj, 2012.

Entrevista concedida por Leitora A. Entrevista I. [abr. 2010]. Entrevistador: Jeniffer Geraldine Pinho Santos. Salvador,

6 PETIT, Michèle. Leitura de obras literárias e construção de si mesmo. In: \_\_\_\_\_. *Leituras: do espaço íntimo ao espaço público*. 1. ed. São Paulo: editora 34, 2013. cap. 3, p. 39 - 63.



2019. 1 arquivo .mp3 (23min36s.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A deste artigo.

Entrevista concedida por Leitora B. Entrevista II. [jul. 2010]. Entrevistador: Jeniffer Geraldine Pinho Santos. Salvador, 2019. Mensagem recebida por <jeniffergps@gmail.com>. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B deste artigo.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: Cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1986.

HOOKS, Bell. *O feminismo é para todo mundo: Políticas arrebatadoras*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

MOREIRA, Jailma dos Santos Pedreira. Carolina de Jesus e Virginia Woolf: em busca de um outro teto para todos nós. *Congresso Internacional da ABRALIC*, 2011. Disponível em: <<http://www.abralic.org.br/eventos/cong2011/AnaisOnline/resumos/TC1088-1.pdf>>. Acesso em 27 jul. 2019.

PETIT, Michèle. *Leituras: do espaço íntimo ao espaço público*. São Paulo: Editora 34, 2013.

WOOLF, Virginia. *Profissões para mulheres e outros artigos feministas*. Porto Alegre: L&PM, 2017.

WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. São Paulo: Tordesilhas, 2014.

ZILBERMAN, Regina; LAJOLO, Marisa. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 2011.

## APÊNDICE A - ENTREVISTA I - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM LEITORA A DO LEIA MULHERES - SALVADOR

**Pergunta 1:** As subjetividades fabricadas pela cultura patriarcal e pelo capitalismo sobre o ser mulher refletem na construção que a mulher faz de si mesma. Muitas mulheres, por exemplo, não se intitulam escritoras porque esse lugar nunca foi atribuído a elas. De que maneira você acredita que o Leia Mulheres tem contribuído para reescrever essas subjetividades e ressignificar o ser mulher?

391

**Leitora A:** Eu acredito que o Leia influencia muito nesse processo de mudança de subjetividade, de reconhecimento de si mesma, e de reconhecimento de outras mulheres também. Não sei se eu entendi muito bem sua pergunta. A gente não costuma, por exemplo, vou pegar minha experiência, eu escrevo poemas mas eu não publiquei um livro, então eu não me considero escritora e nem poeta mas é porque é difícil para mulher dizer essas coisas. Tanto que eu tenho trabalhado muito isso de você dizer o que você é o que você faz, reconhecer os seus talentos e deixar de lado a falsa modéstia. Eu não li ainda o livro todo da Michelle Obama mas é um livro que está entre os meus desejados. Ela fala da síndrome da impostora, que minha filha Clara fala sobre isso, que ela se sente assim. A gente nunca acha que o que a gente faz é essencialmente bom ou que é legal, sabe? A gente sempre acha que é mais ou menos, que tá na média, que não é isso tudo, porque a nós foi concedido esse lugar, lugar que está à margem porque todos, digamos assim, os primeiros lugares, as cabeças, estão entre homens, então acho que inconscientemente já existe essa ideia de que a mulher ela está... a gente vai sempre ouvindo, vendo homens a frente tudo, então a gente fica meio que tutelada, então tem todo um resquício de todo um contexto histórico que a gente vai sempre sendo tutelada, enquanto que os homens eles têm um ego do tamanho do mundo. Os homens, em geral, têm um ego enorme. [...] Então acho que isso ajuda muito, ajuda muito a se mostrar, na verdade a se entender, a se aceitar, ter uma outra visão de si. Porque todos esses livros que a gente lê, todas essas histórias que a gente vai tendo acesso vai mostrando que as mulheres são pessoas, seres humanos cheios de possibilidades como os homens e vão meio que descortinando alguns véus, como por exemplo o véu da maternidade. A gente teve um Leia sobre Precisamos Falar Sobre Kevin, que foi um dos mais fantásticos que acho que já teve, muito rico de experiências, de contribuições, tinham psicólogos, tinha muita gente nesse dia, e assim as coisas que foram descortinadas sobre a maternidade, esse olhar sobre a maternidade, foi fantástico. Então acredito sim que Leia, ele favorece, ele ajuda, e me ajudou também como mãe, como mulher. A questão da sororidade, a questão da maternidade, tantas outras questões. Isso é um processo de mudança, de reconstrução da subjetividade da gente, então eu acho que que sim.

**Pergunta 2:** Tem algum livro que você leu para o Leia Mulheres e que foi muito marcante para sua vida a ponto de te ajudar no processo de reescrita da subjetividade? Se sim, qual e por quê?

**Leitora A:** Eu vou falar de um livro que já vai ser resposta da próxima pergunta, que a gente teve dificuldade de encontrar, que foi o Quarto de Despejo e depois que os Leias começaram a colocar o Quarto de Despejo, ele já até voltou com a nova edição. Bom, para mim chamou bastante atenção Quarto de Despejo, de Carolina Maria de Jesus, Amada, de Toni Morrison, e Precisamos Falar Sobre Kevin. Foram três livros diferentes. E Precisamos Falar sobre o Kevin eu já falei na resposta anterior sobre a questão da maternidade. Eu fui muito criticada e às vezes ainda sou. Eu tenho uma filha. Minha filha não mora comigo, mora com pai. E eu tenho uma outra visão do que é ser mãe. Eu não penso que ser mãe é todo esse aparato que as pessoas fazem na sociedade. Então eu sou muito criticada, já sofri muito por causa disso. Apesar da minha relação com minha filha ser fantástica. Mas até hoje quando eu digo assim minha filha não mora comigo, as pessoas perguntam por que? Porque poderia ser assim não mora comigo, mora com pai, mora sozinha. Minha filha não mora comigo, mora com o pai, porque ele não mora comigo e mora com o pai? Opa, então você tem algum problema. Filhos moram com as mães e não com os pais, quando se separam. Então foi uma discussão sobre maternidade fantástica, então assim mudou minha forma, me deu um outro olhar sobre a questão da Maternidade. E no caso de Carolina Maria de Jesus, no caso de Amada, enquanto mulher negra, esses dois livros me fizeram, não que eu não saiba nem que eu não sinta, mas assim me deu um olhar, digamos assim uma lente ampliada, sobre a situação da mulher negra periférica no país que a gente vive e também sobre o olhar da escravidão. Amada é um livro que fala de maternidade e fala de escravidão, não sei se você já leu. Mas enfim todo mundo já sabe que é baseado em fato real, de mães que preferiam matar seus filhos, ao invés de vê-los escravos, sofrendo. Então é muito forte isso. É uma carga de dor que mexe com nossa ancestralidade porque eu sou negra, e nascida e criada em bairro periférico. A minha família é formada por mulheres e homens negros. Então assim pensar sobre escravidão nessa perspectiva é uma coisa que sabe dá um choque de realidade, por mais que você esteja com os pés fincados nela. E Carolina Maria de Jesus, uma mulher negra favelada, que consegue escrever o seu livro, que consegue ser uma escritora. Gente isso para mim é comovente, fantástico, libertador. O encontro com Carolina para mim, desses três, foi o mais significativo. Eu li Carolina para os meus alunos do 5º ano do Ensino Fundamental, que nesse ano que foi em 2017, eu estava com essa turma e os meus alunos choraram com trechos do livro. Quarto de despejo foi um livro que é para sempre sabe, um livro que eu gosto de ler para os meus alunos, quando eu pego uma turma de maiores. É um livro que eu acho que faz diferença na vida de qualquer pessoa, mas na minha como mulher, como negra, e como periférica, mais ainda.

## APÊNDICE B - ENTREVISTA II - ENTREVISTA COM A LEITORA B DO LEIA MULHERES - SALVADOR

**Pergunta 1:** As subjetividades fabricadas pela cultura patriarcal e pelo capitalismo sobre o ser mulher refletem na construção que a mulher faz de si mesma. Muitas mulheres, por exemplo, não se intitulam escritoras porque esse lugar nunca foi atribuído a elas. De que maneira você acredita que o Leia Mulheres tem contribuído para reescrever essas subjetividades e ressignificar o ser mulher?

**Leitora B:** O recorte temático dos livros do Leia contribui para as subjetividades do ser mulher. São livros escritos por mulheres, mas além disso o clube tem um viés feminista, este recorte faz toda diferença. Existem questões que são sempre permanentes no clube: mercado de trabalho, violência, relacionamentos, questões sobre o corpo. Além das discussões teóricas, muitas participantes do clube trazem relatos pessoais que exemplificam as questões do ser mulher.



**Pergunta 2:** Tem algum livro que você leu para o Leia Mulheres e que foi muito marcante para sua vida a ponto de te ajudar no processo de reescrita da subjetividade ? Se sim, qual e por quê?

**Leitora B:** Fome da Roxane Gay. Esse livro me ajudou no processo de entendimento de questões sobre o corpo, principalmente sobre como o corpo gordo é visto. É um livro também sobre as fragilidades do corpo. Roxane não fala de um lugar de vitoriosa, ela não apresenta receitas de sucesso, ela o tempo inteiro mostra suas fragilidades, dificuldades e questões. Fiquei muito comovida e me identifiquei com muitas questões que ela passou. Engordei 20 quilos em dois anos e de repente não sabia que corpo era aquele. O relato da Roxane, embora doloroso em muitos momentos, me ajudou a compreender melhor o meu corpo, sem tantos julgamentos ruins, diferente de um processo de aceitação, a leitura ajudou no processo de compreensão do corpo gordo. Foi uma leitura muito importante.

